

Análise de mais de 7,6 milhões de vacinados mostra que a fórmula da Pfizer/ BioNTech gera proteção que chega a 97,5% após a segunda dose. Segundo autores, os resultados reforçam a importância da imunização em massa para conter a pandemia

Em Israel, efetividade da vacina melhora



» VILHENA SOARES

Mais uma pesquisa reforça a efetividade da vacina contra covid-19 desenvolvida pela empresa americana Pfizer. Cientistas avaliaram dados colhidos durante a campanha de imunização em Israel e constataram que as duas doses do fármaco fornecem proteção de até 97,5% considerando infecção, hospitalização e morte em decorrência do novo coronavírus, inclusive entre idosos. Os resultados foram constatados no momento em que a variante B.1.1.7 — identificada, inicialmente, no Reino Unido — era a cepa dominante no país. Também houve registro de quedas nas taxas de infecção e de mortalidade após a aplicação massiva das doses, o que, segundo os autores do estudo, reforça os benefícios para a saúde pública gerados por um amplo programa de proteção da população.

Estimativas preliminares da eficácia da vacina da Pfizer, desenvolvida em parceria com o grupo BioNTech, foram relatadas no Reino Unido, na Dinamarca, nos Estados Unidos e também em Israel (Leia Para saber mais). Segundo a equipe do novo estudo, até então, não haviam sido feitas avaliações a nível nacional, com um número amplo de pessoas e por um longo período. “Como o país com a maior proporção da população vacinada contra a covid-19, Israel oferece uma oportunidade única para determinar a eficácia desse imunizante no mundo real e seus reflexos na saúde pública”, afirma, em comunicado, Sharon Alroy-Preis, principal autor do estudo e pesquisador do Ministério da Saúde israelense.

A equipe considerou dados de mais de 7,6 milhões de vacinados entre 24 de janeiro e 3 de abril. Nesse intervalo, 72% das pessoas com mais de 16 anos (6.538.911) e 90% da com ao menos 65 anos (1.127.965) receberam duas doses da vacina. A análise dos dados mostrou que o imunizante é altamente eficaz para todas as pessoas com mais de 16 anos, fornecendo 95,3% de proteção contra infecção e 96,7%, contra a morte, sete dias após a aplicação da segunda dose. A proteção contra infecções sintomáticas e assintomáticas foi de 97% e 91,5%, respectivamente.

Menahem Kahana/AFP - 18/4/21



Uso de máscara deixou de ser obrigatório no país que imunizou 60% da população: efeitos em voluntários com mais de 16 anos

» Para saber mais

Sem mutações

Em fevereiro, pesquisadores israelenses publicaram um estudo que também avaliou a eficácia da vacina Pfizer/BioNTech no mundo real. Conduzida pelo Clalit Research Institute, a pesquisa se deu no momento em que o país havia imunizado 50% da população adulta, e a cepa original do Sars-CoV-2 era a prevalente. A equipe avaliou dados de

1,2 milhão de imunizados.

A época, os especialistas observaram que o imunizante reduziu em 94% os casos sintomáticos da covid-19 uma semana após a aplicação da segunda dose, e em todas as faixas etárias. O fármaco também reduziu em 93% o risco de desenvolvimento de um caso grave da enfermidade e em 87% a possibilidade de hospitalização. Os dados foram publicados na revista New England Journal of Medicine.

A vacina também é altamente eficaz na prevenção de internação e do agravamento da covid, fornecendo proteção de 97,2% contra a hospitalização em geral e de 97,5% contra hospitalizações graves e críticas. Quatorze dias depois da vacinação, as taxas subiram para 96,5% (proteção contra infecção), 98% (contra hospitalização) e 98,1% (contra morte). Ao analisar apenas idosos com mais de 85 anos, os pesquisadores chegaram a taxas um

pouco mais baixas, mas, ainda assim, expressivas, segundo eles: 94,1%, 96,9% e 97%, respectivamente, sete dias depois da imunização.

A cepa B.1.1.7 foi responsável por 94,5% das amostras testadas. A variação B.1.351, registrada, pela primeira vez, na África do Sul, foi recentemente identificada em Israel, mas não fez parte do estudo. “Não foi possível produzir estimativas de proteção para a B.1.351 nesse relatório devido ao número limitado de

infecções durante o período de análise. Portanto, isso deve ser investigado em estudos futuros”, frisam os autores.

Inspiração

O impacto nacional do programa de vacinação israelense também foi avaliado, tendo como base alterações das taxas de casos de infecções e mortes. Novos casos de contágio entre pessoas com mais de 65 anos aumentaram constantemente até meados de janeiro, com um pico de cerca de 55 casos a cada 100 mil indivíduos. Depois, começaram a diminuir à medida que os israelenses receberam a segunda dose da vacina, com taxas de 30 casos diários a cada 100 mil já em fevereiro.

“Essa queda mais acentuada foi vista, inicialmente, no grupo de idosos, já que eles foram os primeiros a serem vacinados. Mas observou-se quedas mais acentuadas e rápidas entre pessoas com menos de 65 anos quando a campanha foi avançando, tanto em relação a casos quanto a mortes”, detalham os autores, que defendem que “a experiência de Israel fornece ímpeto para os países buscarem proativamente

» Centro de previsão de pandemia

O diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, e a chanceler alemã, Angela Merkel, anunciaram a criação de um centro global de previsão e detecção de epidemias. A plataforma, com sede em Berlim, deve ser inaugurada em setembro. De acordo com a agência das Nações Unidas, parceiros em todo o mundo vão atuar para “prever, prevenir, detectar, preparar e responder aos riscos de pandemia e epidemia”. “Os vírus se locomovem rapidamente, mas os dados podem se locomover ainda mais rápido. Com as informações certas, os países e comunidades podem se manter à frente dos riscos”, enfatizou Ghebreyesus. “A pandemia da covid-19 nos ensinou que só podemos lutar juntos contra pandemias e epidemias”, completou Merkel. A Alemanha prevê um financiamento de 30 milhões de euros por ano para o projeto, e a OMS estima que serão necessários mais investimentos.

uma alta cobertura de vacinas para proteger a população”.

Werciley Júnior, infectologista e chefe da Comissão de Controle de Infecção do Hospital Santa Lúcia, em Brasília, avalia o estudo como bastante animador. “É o país de onde esperávamos ver esses dados positivos primeiro, já que eles saíram na frente nessa corrida da imunização, passaram os 60% da população total vacinada”, justifica. “Todas as taxas registradas foram muito altas, em grupo de idades distintas e compostos por muitas pessoas. Isso é algo excelente. Sabemos que ainda vamos ter que manter cuidados preventivos, mas vemos, agora, que a vacina já nos ajuda bastante a evitar a infecção.”

O especialista lembra que a eficácia contra uma nova cepa do Sars-CoV-2 é um ponto que merece destaque no estudo. “Vemos uma outra variante em que essa vacina foi eficiente. Por mais que ainda não tenhamos dados quanto a outras novas cepas, isso é promissor, pois muitas delas compartilham as mesmas mutações”, avalia. “A mensagem principal do estudo é que vacinar dá certo, e que todos os outros países precisam investir nessa ferramenta.”

HOMEM MODERNO

O mais antigo sepultamento

Pesquisadores da Espanha descobriram, na África, restos do sepultamento mais antigo feito por homens modernos. Ao explorar a caverna Panga ya Saidi, no Quênia, eles se depararam com ossos de uma criança de três anos, enterrada, no local, há aproximadamente 78 mil anos. A descoberta foi detalhada em um artigo divulgado na última edição da revista britânica Nature.

As investigações sobre a evolução do comportamento humano moderno geralmente se concentram na Idade da Pedra Média — abrangendo de 280 mil a 25 mil anos atrás. Mas as evidências sobre enterros formais, um componente importante para entender a evolução humana, são bastante escassas. A descoberta do novo esqueleto em Panga ya Saidi ajuda a preencher essa lacuna histórica.

Os cientistas estimam que a criança, a quem chamaram de Mtoto

(criança, em suaíli), foi enterrada há cerca de 78.300 anos. A disposição dos fragmentos ósseos indica que o corpo foi colocado de lado, com as pernas encostadas ao peito. Por meio da análise dos sedimentos e da acomodação da ossada, a equipe constatou que o corpo havia sido protegido por uma espécie de mortalha feita de material perecível e que a cabeça, provavelmente, repousava sobre um objeto de composição parecida.

Ritual funerário

Embora não haja sinais de oferendas ou ocre, comuns em cemitérios mais recentes, o tratamento funerário dado a Mtoto sugere um ritual complexo, com participação ativa de muitos membros da comunidade a qual a criança pertencia. “A cova na qual estava a ossada parece ter sido escavada deliberada-

mente, e o corpo foi coberto por sedimentos retirados do chão da caverna. Essas características, com o uso de uma cobertura, indicam que o sepultamento foi intencional”, explicam os autores do estudo, que foi liderado por María Martín-Torres, pesquisadora do Centro Nacional de Pesquisa em Evolução Humana (CENIEH), na Espanha.

Os pesquisadores também perceberam que, embora Mtoto fosse um *Homo sapiens*, sua morfologia dentária, em contraste com a observada em restos humanos do mesmo período, preserva certos traços arcaicos que a ligam a ancestrais africanos muito antigos. “Isso, aparentemente, confirma que, como tem sido frequentemente postulado nos últimos anos, a espécie humana tem raízes extremamente antigas e diversificadas regionalmente no continente africano, onde surgiu”, enfatizam os autores do artigo.

Jorge González / Elena Santos



Ossos de uma criança de 3 anos foram enterrados, há mais de 78 mil anos, no Quênia